



Graça Church revisited

Alexandre Nobre Pais

Museu Nacional do Azulejo, Lisbon, Portugal, apais@mnazulejo.dgpc.pt

João Manuel Mimoso

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisbon, Portugal, jmimoso@lnec.pt

Claire Dumortier

Musées Royaux d'Art et d'Histoire, Brussels, Belgium, dumortier.claire@gmail.com

Maria de Lurdes Esteves

Museu Nacional do Azulejo, Lisbon, Portugal, mesteves@mnazulejo.dgpc.pt

Miguel Angelo Silva

Igreja da Graça, Lisbon, Portugal, migangelo21@gmail.com

Sílvia Pereira

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisbon, Portugal, spereira@lnec.pt

SUMMARY: The important set of azulejos that can be seen today in the ante-sacristy of the Graça Church, in Lisbon, dated from between circa 1565 (year when the building of the new complex was finished) and 1580, is probably one of the most relevant indications of a local production of azulejos in the faience technique during the 2nd half of the 16th century. In the course of a research conducted to determine the origin of this technique in Portugal we tried to regroup these azulejos, some of them randomly set on the walls, using digital techniques. It is now possible to see some of the coherent images that once they represented. At the same time an important monogram was found in one of the panels, which helped to formulate an hypothesis on the possible author of these panels and brings to light the significant role that Flemish artisans had in the spreading of the faience technique in the manufacture of azulejos by the Lisbon workshops during the 2nd half of the 16th century.

KEY-WORDS: Renaissance azulejos; Flemish artisans in Lisbon; Digital reconstruction of scattered azulejo panels; Antwerp artisan monograms.



A Igreja da Graça revisitada

RESUMO: O importante conjunto de azulejos colocado na ante-sacristia da Igreja da Graça, em Lisboa, datável de cerca de 1565 (data de conclusão das obras do edifício) até 1580 é, talvez, um dos mais relevantes testemunhos de uma produção azulejar local, quinhentista, na técnica de faiança. No decorrer da recolha de dados para um trabalho acerca da origem desta técnica em território nacional, utilizaram-se métodos digitais para reorganizar os azulejos que aí se encontram, em parte apostos de forma aleatória, de modo a recuperar a coerência das imagens que neles se representavam. Paralelamente, descobriu-se a presença de um monograma num dos painéis, o qual permitiu fundamentar uma hipótese sobre a autoria e contribui para relevar o papel que tiveram os oleiros flamengos residentes na capital na disseminação em Portugal da azulejaria na técnica de faiança.

Keywords: Azulejo quinhentista; faiança renascentista; Igreja da Graça; oleiros flamengos em Lisboa; João de Goes; monogramas flamengos.

Sobre os azulejos quinhentistas da Igreja de Nossa Senhora da Graça em Lisboa, escreveu Santos Simões:

A igreja do gigantesco Convento dos Agostinhos foi das que mais sofreu com o terramoto de 1755. Antes, admirava-se o templo de três amplas naves e capelas laterais, obra que se impunha à admiração de nacionais e estrangeiros. Tal edifício [...] foi iniciado em 1556 e já estava de todo terminado em 1565. Representava então o que de mais arrojado e rico se fazia em Lisboa, tanto no respeitante à arquitectura, como à decoração. [...] Do século XVI é seguramente o azulejamento da antiga ante-sacristia, hoje passagem entre o cruzeiro da igreja e a nova e imponente sacristia.

[... Os azulejos ainda existentes] são suficientes para poder admirar uma das mais originais criações da azulejaria portuguesa. São composições de “brutescos” [...] com grande profusão de motivos ornamentais, máscaras, animais e plantas, anjinhos, entre rótulos e cartelas, tudo delimitado por cercaduras de “gregas”. [...]

A aceitar que esta decoração é coeva da época em que terminavam as obras quinhentistas da Graça, poderemos colocá-la em ano próximo de 1565-1570 o que, aliás, concorda com o seu tipo tecnológico e com a gramática ornamental de sabor flamengo. Trabalho português, sem dúvida, ele pode interpolar-se entre a melhor azulejaria da Bacalhoa e o grande painel que foi da Capela de Nossa Senhora da Vida, da Igreja de Santo André de Lisboa. [1]

Visitámos a Igreja da Graça, e em particular a ante-sacristia, no enquadramento de um estudo preparatório para um trabalho sobre a origem da manufatura de faiança em Portugal. Nessa ocasião fez-se um levantamento fotográfico dos painéis quinhentistas remanescentes bem como de todos os azulejos outrora pertencentes ao mesmo painel e ora dispersos pela ante-sacristia. A partir desse levantamento foi possível fazer a reposição digital de uma parte substancial dos azulejos dispersos de maneira a recuperar as posições originais nos painéis, que aqui se apresenta pela primeira vez (figura 1). A montagem dos vários conjuntos permitiu-nos perceber que, provavelmente, a altura destes revestimentos seria de cerca de 23 azulejos (pouco mais de 3 metros de altura).

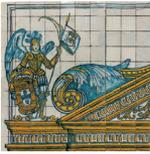


Figura 1 - Reconstituição de três painéis a partir dos azulejos dispersos *in situ* na antecâmara da Igreja da Graça

A mesma campanha permitiu identificar o monograma do artífice (presume-se que pintor ou mestre de faiança ou, talvez, ambas as coisas) que se ilustra na figura 2.

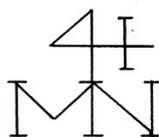


Figura 2 - Localização do monograma num livro e vista ampliada



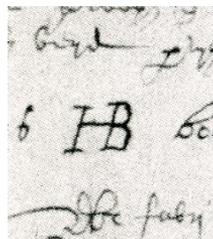
A componente principal da inscrição é constituída por uma marca semelhante a um “4” ligado ao que parece ser uma cruz potenteia sobre as letras “HG” serifadas. De ambos os lados do monograma parece reconhecer-se mais algumas letras manuscritas, mas que por não estarem claras recusamos neste momento a tentação de interpretar.

O monograma pode ser comparado ao constante no livro de Claire Dumortier sobre cerâmica renascentista de Antuérpia (figura 3). Este monograma marca uma pequena taça que os especialistas belgas dataram aproximadamente de 1590 e foi atribuído a Michiel Nouts, se bem que não haja fundamentação segura, quer para a datação, quer para a autoria [2]. A utilização de letras serifadas geminadas pode também ser comparada, além do exemplo da figura 5, à assinatura de Hans Boudwyns constante num documento ilustrado no mesmo livro (figura 4).



5

3



4

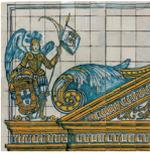
Figura 3- Monograma constante numa taça cerâmica presumivelmente fabricada em Antuérpia, reproduzido de [2], pp. 80;

Figura 4- Monograma de um artífice de Antuérpia constante de um documento de 1592, reproduzido de [2], pp.81

A presença da marca semelhante a um “4” sobrepondo-se ao resto do monograma é assinalada nos Países Baixos do Sul, servindo para identificar mercadores ou profissionais ligados a diversas actividades e ofícios, sendo referenciada em tapeceiros e mestres de faiança. Apesar de estas marcas terem os mesmos elementos básicos, variam no detalhe, como se pode também reconhecer aqui comparando os monogramas da figura 2 e 3. No monograma de Hans Guldens, mestre de faiança em Antuérpia (ver [2] pp.254), a marca “4” é semelhante à da figura 3, mas virada para a esquerda, como se vista num espelho, o que mostra não se tratar realmente de um numeral. Tal é também o caso das marcas pessoais dos tapeceiros Jean de Kempeneer (activo em 1556), Corneille de Ronde (falecido em 1568 ou 1569) e Martin Reynbouts (falecido antes de 1618) [9].

Ao procurar o significado do monograma e tendo em conta a cronologia proposta por Santos Simões, ocorre reler o que escreveu Vergílio Correia sobre os primórdios da fabricação da faiança em Lisboa:

“O problema capital, para nós, [no campo das primeiras faianças e azulejos lisos em Lisboa] é o referente ao estabelecimento da faiança e, conseqüentemente, ao fabrico do azulejo liso, de pisano, em Lisboa. [...] Não posso acreditar [...] em trabalhos independentes do azulejo e da faiança vulgar. São indústrias conjuntas, uma não podendo ter-se desenvolvido apartada da outra. Nesta ordem de ideias suponho que antes de 1575, e até provavelmente anteriormente a 1565, se fazia faiança em Lisboa. [...] Em 1565, no Livro do



Lançamento encontramos: um João Fernandes, malagueiro, morador à Porta do Mar; um Pero Fernandes, igualmente designado por malagueiro, residente à Pampulha; e João de Goes, mestre de malega branca, habitando à Esperança. [...] Estou em crer [...] que as faianças iniciais teriam sido englobadas sob o termo de maleguas, como a própria designação de mestre de malegua branca, dada a João de Goes em 1565, parece indicar”^[3].

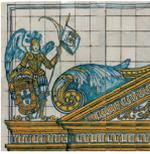
Segundo o *Livro de Pagamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El Rey*, de 1565, esse João de Góis (avaliado em 3.000 reis), "mestre de malega branca, [que vivia] em casas de Isabel Gomes", junto ao convento da Esperança era flamengo e vizinho de um Francisco Jácome também ele "malegueiro"^[4]. Próximo de ambos, entre outros, vivia também "em casas suas" um Ruberto Jacome, igualmente "framenguo" ^[5], testemunhando uma concentração de naturais da Flandres nesta área da cidade.

Este João de Goes poderá ser o mesmo que em 1561, aos 25 anos de idade, foi acusado de luteranismo tendo sido a sentença então proferida (datada de 22 de Janeiro de 1562) o deslocar-se à igreja do Hospital de Todos os Santos para uma abjuração de leve, cárcere e arbítrio e penitências espirituais. Através dos dados constantes no processo sabemos que ele era natural de Antuérpia, morava em Lisboa com Maria de Gois, sua segunda mulher, e tinha a profissão de malagueiro de azulejos ^[6].

Dada a presença do "4+" no monograma que se encontra apostado ao painel da Igreja da Graça, é praticamente seguro que aquele seja o de um flamengo. Adianta-se como hipótese que as letras geminadas "HG" correspondam ao nome "Hans van der Goes" que tornado em português daria o João de Goes do processo de 1561-62 e do documento de 1565 (nesta que é a data de conclusão das obras da Igreja da Graça ele contaria então cerca de 29 anos).

Vergílio Correia avança ainda a hipótese deste João de Goes ser aparentado com um Filipe de Goes, artífice de cerâmica, mencionado numa devassa de 1575 e explicitamente nomeado como flamengo. Esse "framenguo", Filipe de Goes, morava, em 1565, na Rua da Pampulha e os seus rendimentos estavam avaliados em 8.000 reis (dos quais devia pagar 56 reis à Coroa – o mínimo eram 16 reis para os indivíduos de poucas posses) ^[7]. Ele será, provavelmente, o mesmo flamengo, homem de boa estatura e barba loura, mestre de louça vidrada, morando então na Praia da Boa Vista, "onde estão as casas caídas, no forno onde se coze a louça vidrada", alvo de uma acusação por parte de um pintor de azulejos, Marçal de Matos. Este acusou-o de herético perante a Inquisição, em 1575 ^[8].

Uma possibilidade a explorar, associada ao facto de não ter ainda sido identificado nenhum oleiro Hans van der Goes nos arquivos de Antuérpia, é que este poderia ter aí outro nome, tendo-o eventualmente modificado quando saiu da Flandres. São conhecidos exemplos desta prática, sendo talvez o mais famoso a modificação de Guido di Savino em Guido Andries. Por outro lado, ele poderia ter vindo para Portugal através de Espanha e não directamente de Antuérpia, pois conhecem-se, para esta cronologia, em Talavera de la Reina, a oficina de Jan Floris e em Sevilha a presença de Frans Andries, que colaborava com Roque Hernandez e Jorge Enriquez. Precisamente a Frans Andries têm vindo a ser associados dois importantes painéis que integram o espólio da Quinta da Bacalhoa, em Azeitão, datados de 1565, "Susana e os Velhos" e o "Rapto de Hipodâmia". Por todos estes motivos, a figura nebulosa de João de Góis merece uma maior atenção, podendo vir a constituir um dos elos perdidos na complexa origem do uso quinhentista do azulejo de faiança em Portugal.



Neste enquadramento, o remanescente do revestimento da Igreja da Graça poderá constituir um dos mais antigos conjuntos painéis de azulejos de faiança de fabricação nacional que chegaram aos nossos dias (talvez mesmo *o mais antigo* fabricado para integração parietal num local específico). Proximamente publicaremos outros resultados sobre a investigação em curso.

Créditos

A participação da equipa de investigação do LNEC insere-se na colaboração com o Museu Nacional do Azulejo e é realizada ao abrigo do Projecto 0202/111/19014 do Plano de Investigação e Inovação do LNEC 2013-2020.

Referências bibliográficas

- ¹ SANTOS SIMÕES, J.M. - *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*. 2ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1990, pp. 108-109.
- ² DUMORTIER, C. - *Céramique de la Renaissance à Anvers*. Editions Racine, Brussels, 2002, pps. 80, 214, 244.
- ³ CORREIA, V. – *Azulejos*. Livraria Gonçalves, Coimbra, 1956, pp. 114-115.
- ⁴ *Livro do lançamento e serviço que a Cidade de Lisboa fez a el' Rei Nosso Senhor no ano de 1565: documentos para a história da cidade de Lisboa*. Volume II, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1947, pp. 267.
- ⁵ *Livro do lançamento*. Vol. II, pp. 267.
- ⁶ ANTT, *Processo de João de Góis* (29/07/1561 - 08/02/1562), proc. 6820. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processos (1536-1821), (1561/1562).
- ⁷ *Livro do lançamento*. Vol. II, pp. 266.
- ⁸ ANTT, *Denúncias à Inquisição de Lisboa*, maço 1, auto 1. Habilitações do Santo Ofício, Maço 2, diligência 71. Cit. CORREIA, V. – *Azulejos datados*. Lisboa, 1956, pp. 114.
- ⁹ DELMARCEL, Guy - *La tapisserie flamande du XVe au XVIIIe siècle*, Tielt, Belgium, 1999, figs. 33, 44, 45.